



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MEGG TAVARES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-581

Entrevistada: Megg Tavares

Nascimento: 14/12/1985

Local da entrevista: Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE)

Entrevistadora: Isabela Lisboa Berté

Data da entrevista: 16/07/2015

Transcrição: Isabela Lisboa Berté

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 24 minutos com 25 segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no boxe; Relação com família, amigos e treinadores; Situação do boxe praticado por mulheres no Rio Grande do Sul; Trajetória como atleta; Patrocinadores e incentivos; Bolsa Atleta; Percepção das mudanças corporais atribuídas ao boxe; Diferenças na prática de homens e mulheres; Contribuição no boxe do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 16 de julho de 2015. Entrevista com Megg Tavares a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Como foi a tua inserção no boxe?

M.T. – Fiz arte marcial, fiz ninjutsu durante dois anos, fiz acho que um mês de muay thai também, eu não gostei muito assim, não seguiu o que eu achei que era. Aí por um acaso eu fui em uma academia que tinha um horário de boxe que eu conseguia encaixar. Eu queria perder um pouco de peso e eu achava divertido também, legal, bonito de ver. Aí eu fiz uma aula normal de academia, aí o professor começou a falar pra mim competir: “Ah, tu tem talento, tu tem facilidade.” Basicamente assim que eu comecei a competir...

I.B. – Teve alguém que influenciou a tua escolha pelo boxe? Amigos, professores, familiares?

M.T. – Não, acho que o principal era que eu gostava do muay thai, quando criança eu gostava do muay thai, mas era o muay thai da Tailândia, não do Brasil. E nunca achei aqui, aí eu fui parar em outra arte marcial por causa de uma amiga, e daquilo eu caí no boxe de paraquedas. Foi bem: “Ah vou fazer boxe, acho divertido.” Lá na arte marcial que eu praticava diziam que eu era muito boa em soco, todo mundo dizia: “Tu já vez boxe.” E eu: “Não.” Eu acho que isso me influenciou um pouco.

I.B. – Tu encontrou alguma resistência de treinadores ou da Federação Rio-Grandense de Pugilismo para que as mulheres treinassem?

M.T. – Para treinar não, até meu professor ele era mais focado no boxe feminino, ele sempre gostou mais do boxe feminino, que é o Zé¹. Mas tinha uma coisa assim deles olharem: “Essa menina vai vir, vai fazer uma luta, vai apanhar e vai sumir.” Não foi o que aconteceu comigo, aconteceu com algumas meninas, mas não comigo. Tem alguns

¹ José Valter Corrêa de Lima.

técnicos que tem restrição, tem... Eles não investem no boxe feminino. As meninas estão lutando, então vai indo, junta com os meninos, mas não tem um campeonato de boxe feminino no Rio Grande do Sul. Tem o campeonato de boxe masculino e ali eles agregam o feminino. Até estadual, no estadual é masculino e feminino junto.

I.B. – Tu começou treinando com José Lima?

M.T. – Sim.

I.B. – Como tua família e amigos reagiram a escolha pelo boxe?

M.T. – Como um esporte praticado em academia é normal, o pessoal aceita, mas na hora em que tu começa a competir, começa a levar a sério, tem uma barreira. Minha mãe nunca gostou, nem um pouco, sempre disse que não era para fazer isso. Meu pai não foi contra até um certo ponto, até que ele pegou e disse: “Tá na hora de tu parar de brincar disso e fazer alguma coisa de verdade, alguma coisa que de dinheiro.” Ninguém nunca gostou muito, mas ninguém nunca me impediu.

I.B. – Como era a escola em que tu iniciou tua prática de boxe? Foi uma academia?

M.T. – Uma academia normal, era na Academia Kiokushin, na Ru Protásio Alves, logo onde vai começar a Oswaldo Aranha². Uma academia de karatê que foi agregando outras artes marciais e hoje é uma academia de musculação normal. Era um lugar aberto, tinha um saco de pancada que a gente colocava, ele não ficava fixo ali. Não tinha equipamento nenhum, só o pessoal mesmo, que boxe não precisa de muito equipamento, é prático.

I.B. – Nessa época, tu lembra como era a situação do boxe no Rio Grande do Sul? Se havia outras mulheres treinando...

² Referência ao endereço da academia.

M.T. – Tinha três meninas, lutando e treinando. No caso uma era a menina do Zé, eu acho que lutou umas duas vezes, e logo que eu comecei ela foi parando.

I.B. – Tu lembra o nome dela?

M.T. – Era Gabi³, ou era Gabriela ou Gabriele, não sei. Eu acho que ela fez um ou duas lutas... Ela treinava na minha academia, ele tinha ela como atleta, mas na verdade, hoje eu sei que ela não era atleta. Tinha a Ângela⁴ que era uma mulher mais velha, bem forte. E a Camila⁵... Essas eu sei que lutaram algumas vezes, deve ter tido mais alguém, mas essas foram as primeiras.

I.B. – E havia campeonatos acontecendo quando tu ingressou no boxe?

M.T. – Sempre teve... A Federação⁶ tem um calendário, onde se faz um campeonato por mês, dentro destes campeonatos se tiver mulher inscrita tem luta de mulheres. Sempre tem bem menos... Tu entrar no boxe feminino no Rio Grande do Sul sempre foi muito difícil, tu vai entrar e vai lutar com alguém que já tem um monte de lutas. Eu passei por isso e acho que toda menina que começa passa por isso de pegar alguém com bem mais lutas.

I.B. – Em que ano tu entrou no boxe?

M.T. – 2006.

I.B. – E quanto tempo levou para tua primeira competição?

M.T. – Então, como a gente era muito novo, e estava todo mundo começando... Eu comecei a treinar no finalzinho de junho, meio junho para julho, e eu lutei em agosto. Já atropelou um pouco, porque eu já vinha de outra arte marcial, aí o Zé insistiu. Eu vi um campeonato em Caxias, eu acho que lutou as três meninas que eu falei, e tinha três,

³ Nome sujeito a confirmação.

⁴ Ângela Pacheco.

⁵ Camila Bersolin.

⁶ Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

ficou número ímpar, uma teve que lutar duas vezes, o que hoje em dia não pode mais. Aí eu falei para ele: “Bota eu para lutar aí.” Brincando... Aí ele: “Não, não pode.” Mas no outro mês ele me botou, não deixou naquele porque foi a “bangu”, fui assistir o campeonato, tinha número ímpar, eu brinquei. E no outro mês ele me colocou para lutar.

I.B. – Chegou a ter campeonatos em que tu não pode lutar por não ter outra menina para lutar contigo?

M.T. – Sim.

I.B. – E tem com tu lutar com uma pessoa que é diferente do teu peso? Já aconteceu isso?

M.T. – No caso quando eu comecei, em 2006, tinha uma leva de meninas. Aí em 2007 a gente cresceu, aí entrou... Quem começou a lutar mesmo foi eu, a Godinho⁷, a Elisabeth⁸... Começou meninas que deram uma continuidade, mais um monte de meninas novas que vinham, lutavam uma vez, apanhavam e saíam. E aí a gente teve durante esse ano, todos os campeonatos praticamente a gente é sempre inscrita e nem sempre fechava luta. O maior problema é conforme tu vai evoluindo, os outros técnicos não querem colocar suas meninas para lutar contra ti. Eu fiquei... 2007 acho que foi o ano que eu fiz mais lutas no Rio Grande do Sul, e mesmo assim fiquei vários campeonatos sem lutar. E em 2010, depois que eu já era uma lutadora de verdade, eu passei praticamente um ano inteiro sem lutar, porque inscrevia no campeonato e a menina não parecia ou não ia ou não dava. Em 2007, eu lutava porque... Como eu comecei a treinar com o presidente, o Vinício⁹, eu parei de treinar com Zé e troquei de técnico, ele me botou pra lutar em várias categorias. Eu já lutei na [categoria] 75 [quilos], lutei na [categoria] 69 [quilos], já lutei na [categoria] 64 [quilos]... Eu era [da categoria] 57 [quilos], pesava em torno de 60 quilos, eu subi gradativamente de peso, porque às vezes eu tinha 58 quilos e lutava com uma menina que pesava 67 [quilos], aí

⁷ Fernanda Godinho.

⁸ Elisabeth de Cássia.

⁹ Vinício Guariglia.

eu fui subindo de peso. Mas lutei algumas vezes eu com 63 [quilos] e a menina com 75 [quilos], 71[quilos].

I.B. - E é comum ter uma luta por categoria no campeonato estadual?

M.T. – Sim, no campeonato estadual do Rio Grande do Sul é só uma luta por categoria e olhe lá. Eles tentam usar uma técnica de tu ir lutando o ano inteiro, chega lá, pega as meninas com mais lutas e elas podem disputar... É como se fosse por um ranking, tu vai pontuando o ano inteiro, chega no dia do campeonato estadual e pega a melhor de cada categoria. Só que não tem meninas para todas as categorias, o Rio Grande do Sul sempre ficou mais entre o 51 [quilos] e o 54 [quilos], tem meninas com 54 [quilos], um pouco mais leve, um pouco mais pesada. E aí 60 [quilos] e 64 [quilos] e depois 81 [quilos] e 75 [quilos]. Aí falta, tem uma variação, tem 69 [quilos] que não tem, 57 [quilos] que não tem. Pesos que nunca vingou ninguém.

I.B. – Tem uma diferença muito grande de estrutura do Rio Grande do Sul em relação à Bahia, São Paulo...

M.T. – Bahia e São Paulo sim. Bahia e São Paulo são o berço do boxe. Bahia porque é natural, não sei, eles tem uma coisa que eles têm muito boxe lá. E São Paulo porque trabalhou para isso, eles construíram isso. São Paulo chega ter uma federação que trabalha mais como o boxe feminino e uma que trabalha mais com boxe masculino. São Paulo têm campeonatos só femininos. Na Bahia eu não sei te dizer se eles têm separado, eu acho que eles fazem campeonatos grandes com o público masculino e feminino. Mas São Paulo não... São Paulo foca muito no boxe feminino, talvez porque a presidente seja mulher, mas São Paulo foca bastante em boxe feminino. Até porque eles não poderiam concorrer com a Bahia no masculino, então eles concorrem com o feminino, que começou muito tempo depois.

I.B. – Tu pode falar um pouco da tua trajetória como atleta? Os campeonatos que tu participou, tuas conquistas e se tu continua competindo atualmente?

M.T. – Eu lutei bastante, pouco a nível nacional e internacional, outras meninas tem mais lutas que eu, mas para o estado eu lutei bastante. Não sei te dizer quantas lutas eu tenho, em torno de umas 37, entre 35 e 40, eu acho. Eu fiz acho que três ou quatro estaduais, sendo que o primeiro eu perdi para a Fernanda¹⁰, depois eu ganhei uns dois ou três, não sei te dizer exatamente os anos. Eu fiquei todo o ano de 2008 parada... Eu comecei em 2006, final de 2006, aí eu lutei até 2007, parei em novembro e retornei só em junho de 2009, porque me convocaram para um campeonato brasileiro. Eu estava parada, me chamaram para o estadual, fiz o estadual, ganhei e fui para o brasileiro. E eu fui na verdade para me aposentar, eu estava parada muito tempo, não queria continuar lutando. E lá eu vi um leque novo, uma coisa muito diferente, lá tinha muitas meninas, muitas coisas. Muita gente veio e me falou que não era para eu parar, técnicos que me conheceram lá, viram algumas coisas boas em mim. E aí começaram a aparecer convites... Eu fui para um brasileiro e aí começaram a me convidar para Jogos Abertos¹¹, que é a segunda maior competição do país realizada em São Paulo, campeonatos em São Paulo em si. E aí abriu um novo leque e eu segui competindo, ao invés de me aposentar como era a ideia, eu realmente comecei a lutar. O boxe no estado é muito limitado, tu só é considerada uma lutadora se tu começar a lutar fora. Os melhores lutadores do país são convidados para umas competições grandes em São Paulo. Títulos eu tenho uns três estaduais, perdi uma final acho que para a Fernanda¹², uma ou duas finais de estadual eu perdi. Em brasileiros eu fui terceiro lugar em 2009, foi meu primeiro brasileiro e eu consegui ganhar e chegar a semifinal. Depois em 2010 eu fui para a final e perdi na final para a Taynna¹³, que era a melhor da categoria e ainda é a melhor. Em 2011, eu era favorita e eu estava com o Zé de novo... Nesse meio tempo eu passei a treinar com o Vinício em 2007, aí em 2011 eu voltei a treinar com o Zé, ou 2010. Aí eu fui para o brasileiro com o Zé de novo, eu era favorita da categoria na época e perdi. Não sei te explicar se foi por um “amarelaço” na final ou se foi porque eu perdi muito peso. Eu tive que perder cinco quilos, porque eu era muito pesada já, aí eu perdi cinco 5 quilos. Eu perdi e acordei acima do peso igual, eu bebi água, aí eu tive que perder três quilos de manhã, então eu usei o último minuto da pesagem. Na [categoria] 57 eu sempre fui uma das melhores do país, normalmente me mantive entre a segunda

¹⁰ Fernanda Godinho.

¹¹ Jogos Abertos de São Paulo.

¹² Fernanda Godinho.

¹³ Taynna Taygma Cardoso.

melhor do país, perdia só para a Taynna. Aí eu subi para 60 quilos, porque eu não estava mais conseguindo dar peso na [categoria] 57. Aí eu fui... Quando eu subi para [categoria] 60 [quilos] eu perdi, aí depois eu fui medalha de bronze de novo, acho que eu fui medalha de bronze duas ou três vezes, em 2009 e 2013, eu fui medalha de prata em 2011 e 2012. Acho que é isso. E eu estou lesionada, então teoricamente eu estou parada. Até lutei os Jogos Abertos do ano passado machucada, consegui chegar a final, lutei com uma das meninas novatas, consegui acabar a luta rápido para não machucar mais a mão e perdi na final.

I.B. – Tu disputou mais de uma vez os Jogos Abertos?

M.T. – 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014. Desde quando eu comecei a lutar, como eu te falei, quanto tu sai do estado, ou tu vai ver que tu é um lutador e tu vinga ou tu vai voltar para o estado e viver só no estado. Mas o que define isso eu não sei, eu sempre... Não sei se sorte ou... Eu sempre consegui ganhar nos campeonatos brasileiros. Eu sempre me saí bem em campeonatos brasileiros. Eu sou, acho que a única menina, que até um certo ponto, que ganhava no brasileiro. Depois veio a Sara¹⁴ que conseguiu, não conseguiu as mesmas coisas que eu, mas conseguiu títulos. Aí eu fiz todos os Jogos [Abertos] desde que comecei a lutar fora 2010, 2011, 2012... Sempre fui medalha de prata ou medalha de bronze.

I.B. – Quais são as condições da prática de boxe feminino no Rio Grande do Sul? Existem patrocinadores ou incentivos governamentais?

M.T. – Nada, nenhum. Patrocinadores não têm nem no feminino, nem no masculino. Incentivo... Muitas vezes vão olhar e dizer que boxe não é para mulher, têm técnicos que acham que boxe não é para mulher. Não sei, o estado não tem dinheiro, a Federação não tem dinheiro, não sei se é pessoal ou não. Até porque a gente não tem uma equipe feminina... Em 2013 foi o ano em que a gente foi com mais meninas, fomos entre quatro e as quatro saíram medalhistas e a gente foi sem técnico, porque dificilmente tem um técnico para o feminino. A gente tem o Zé, que algumas vezes foi como técnico no

¹⁴ Sara Santos da Silva.

feminino, campeonatos que eu não fui e os que eu fui alguns. E nesse ano ele meio que estava brigado com a Federação e aí a gente foi sem técnico. Aí talvez por isso a gente se juntou, eu como era mais velha, meio que a gente assumiu a bronca para a gente, porque o técnico que é do masculino, não queria, não dá bola para a gente, não gostava. A gente meio que largou ele de mão e fez a gente. A gente fez uns treinos... Todo mundo voltou com medalha, funcionou, a gente comprou a briga e funcionou.

I.B – Não existe uma seleção gaúcha de boxe feminino, que treina junto?

M.T. – Não, houve um momento que eles queriam falar que tinha uma seleção, que cada um tinha sua categoria... Eu desde que comecei a lutar, talvez não tivesse ninguém na minha categoria, porque meio que saiu a Fernanda. A Fernanda e eu a gente não era bem da mesma categoria, a gente lutou algumas vezes... E assim eu meio que dominei a categoria, nunca mais ninguém tentou sequer ser da minha categoria. Pelo menos até eu me lesionar, que aí começou a aparecer um monte de gente, mas teoricamente era eu a oficial da categoria.

I.B. – Sessenta quilos?

M.T. – É 60, eu era [da categoria] 57 [quilos] e depois eu subi para [categoria] 60 [quilos]. Do mesmo jeito que a Carine¹⁵ é do 51 [quilos]. A gente está competindo, enquanto a gente estiver ganhando, oficialmente a gente era, mas nunca teve uma seleção.

I.B. – E o masculino tem uma seleção?

M.T. – Não, teve uma época que eles disseram que havia, mas eu não peguei essa época. Talvez o pessoal não de tão certo fora do estado no boxe, porque a gente meio que domina a categoria, chega alguém que ganha de todo mundo, ninguém nem tenta ir para aquela categoria. As pessoas se jogam em outra categoria, onde se torna mais fácil.

¹⁵ Carine Borba.

Teve na [categoria] 69 o Baiano¹⁶, foi um cara que foi sempre, durante anos ele foi [categoria] 69. Tem um menino que é sempre de [categoria] 60... Têm pessoas que tem uma hegemonia na sua categoria, mas não chega a ser uma seleção, porque não tem retorno, nem financeiro, nem treino... Faria diferença, eu acho, o pessoal treinar junto como equipe, faria diferença, isso ajudaria.

I.B. – Tu chegou a se manter economicamente apenas treinando e competindo no boxe?

M.T. – Não, o pessoal queria muito isso, sempre se falava... São Paulo te dá estrutura, algumas equipes te contratam, te aceitam... Como tu joga Jogos Abertos, ou tu tem a sorte de ir, conhece alguém que te indica e tu trabalha por medalha, dependendo da medalha que tu ganhar tu vai ganhar um valor. Ou tu é contratada, eu fui contratada tanto por São José dos Campos, tanto por Piracicaba e aí tu ganha um valor mensal, ou um valor “x” no final do ano, combina com eles 5 mil, 4 mil. Aí tu tem um retorno, mas eu nunca parei de trabalhar para viver do boxe. Eu vivi em 2012... Eu morei em São Paulo três meses, em Piracicaba, eu era contratada de lá, vivi na casa de atleta e recebia por aquilo. Mas foram três meses, eu não tive cabeça para viver o esporte.

I.B. - Tu ganhou Bolsa Atleta alguns anos?

M.T. – Eu perdi a bolsa em 2012 porque eu perdi na primeira luta e daí em 2013 eu recuperei. E agora esse ano eu perdi a bolsa, até porque eu estou lesionada, fui adquirindo uma série de lesões e fui parando de competir. Deixei de estar no alto escalão. Mas eu ganhei bolsa, ganhei uns quatro, cinco anos de bolsa. Só que é novecentos e vinte cinco [reais], algumas pessoas talvez conseguem se sustentar com isso, eu não consigo manter minha vida com isso, então eu sempre conciliei com trabalho. Tu consegue tirar no boxe se tu for um atleta assíduo, no Brasil, até três mil reais. Que é, digamos, dinheiro que tu ganha do clube, dinheiro que tu ganha por alguma competição...

I.B. – Mas não aqui no Rio Grande do Sul?

¹⁶ Alexandro Mendes da Silva.

M.T. Então, o boxe vive de São Paulo, o boxe da Bahia vive de São Paulo. Tipo, São Paulo é um estado capitalista, então eles giram dinheiro, se eles querem crescer eles te trazem. Em São Paulo tu vê meia dúzia de meninas que são paulistas, as outras é tipo eu do Rio Grande do Sul, um monte de meninas da Bahia, uma de Manaus, uma do Maranhão. Eles pegam tudo que tiver de melhor no país e concentram lá, se tu quiser tirara algum dinheiro tem que ir lá. Eu consegui levar algumas meninas do sul para lá, levei a Carine, levei a Sara, levei a Márcia¹⁷. Só o que te mantém é tu, tu consegue pessoas que te levam para lá, mas quem vai se manter é tu. Se tu conseguir dar resultado tu vai se mantendo.

I.B. – Paralelamente ao boxe tu continuou exercendo alguma função remunerada?

M.T. – Sim, sempre. Tu quer saber qual função?

I.B. – Pode ser.

M.T. – Eu fui garçõnete, quando eu comecei no boxe eu era garçõnete, trabalhei muito de garçõnete, trabalhei de noite, trabalhei em restaurante, trabalhei de bartender, fazendo drinks... Aí depois de um tempo eu passei a trabalhar em uma locadora, trabalhei em várias coisas.

I.B. – Sempre vai buscando alguma forma...

M.T. – É, sempre sei me sustentar, para manter o meu custo de vida eu pegava o emprego que tinha, que eu conseguia conciliar com horário de treino. Já teve épocas em que eu trabalhei em dois empregos e treinava de noite, ou treinava de vez em quando, nunca dei uma ênfase só para o boxe. Aí depois eu comecei a trabalhar em uma videolocadora e foi o que foi mais fácil, porque a videolocadora é mais tranquilo. Aí eu cheguei a comprar a videolocadora, fiquei um tempo com ela sendo minha e um pouco com o boxe e depois vendi porque me ocupava mais tempo ter o negócio meu do que

¹⁷ Márcia Oliveira.

ser funcionária. E aí eu fui jogando... Agora eu estou cheia de lesão, casualmente eu não estou trabalhando e não estou ganhando bolsa. Eu consegui juntar um dinheiro no banco durante este tempo em que eu trabalhava e ganhava do boxe e agora eu estou meio que parada pensando no que eu vou fazer.

I.B. – Tu percebeu alguma mudança no teu corpo que tu possa atribuir ao boxe?

M.T. – Então, como dizer... Muda, não tem como não mudar. Eu cheguei no boxe pesando 62 quilos, aí eu baixei para 57 [quilos] por causa da quantidade de exercício. Aí eu era muito leve para todas as meninas que tinha no estado, então eu comecei a subir de peso. Que mais... O pessoal diz que boxe emagrece, o boxe emagrece, o boxe é muito rápido. Mas... O que eu posso dizer, eu perdi perna, eu perdi bunda, mudou o formato do meu corpo, mas todo mundo acha que é muito positivo. Eu nunca vi como positivo. Mudou, mas também não dou muito... Aumentou um pouco os ombros... Mas eu também nunca me mantive cem por cento em treinamento, só fazendo aquilo. Eu acho que esteticamente eu fiquei diferente, acho que eu fiquei mais fraca esteticamente. Eu acho que eu tive aquela coisa de *overtraining*, uma coisa assim, que é quando tu treina de mais, é quase como se tu ficasse doente, acho que tu fica muito cansado. Então minha época forte de boxe eu fiquei bem... Quando eu era [da categoria] 57 tu olhava para mim e dizia que eu era aidética, ficava muito muito magra, tipo olheiras fundas. Não sei te explicar exatamente por quê? Acho que esses professores são tudo loucos, eles querem que tu faça um monte de coisas, eles não estão nem aí para tua saúde. Mas só isso, agora já recuperei meu... Agora que eu fiquei seis meses parada, eu já recuperei meu corpo, não foi uma mudança definitiva assim. Em época de treino tu vê uma mudança...

I.B. – Quando tu estava treinando boxe tu te preocupava em construir um corpo ideal ou estava buscando mais o resultado?

M.T. – Até quando eu comecei eu queria emagrecer um pouco, eu tinha engordado rapidamente, quase que dez quilos em um mês. Eu não dou muita bola para a estética... Eu não fiquei forte, vou te dizer que isso é uma coisa que tentaram, o pessoal de São Paulo tentou me fazer ficar forte, ficar musculosa, grande. Não quis, foi uma opção

minha. Se eu tivesse feito todo treino que me mandaram fazer talvez teria ficado, porque tu acaba criando bastante braço. Mas eu não quis, foi uma opção minha, eu não queria ficar “bombada”, digamos assim. O que eles fizeram, tanto o Zé¹⁸ quanto o velho¹⁹, foi tirar minhas pernas, eu tinha as pernas grossas e eles fizeram exercícios para queimar minhas pernas. Focado exercícios... O boxe lida com muita gente não instruída, só que eu não sou tão não instruída assim, então eu consigo ver que aquele exercício que eu estou fazendo vai queimar minhas pernas. Eles têm uma coisa que não pode ter a perna grossa, não pode isso, não pode aquilo, têm técnicos que treinam com isso, então diminuiu consideravelmente minhas pernas. Tentaram fazer eu criar braços e ombros, mas eu não deixei dominarem muito. Eu tenho uma genética de não crescer muito, eu não engordo muito...

I.B. – Como tu, teus amigos e familiares encararam essas mudanças corporais?

M.T. – Então, como não foi uma mudança muito grande, como eu posso te dizer... O que tinha era namorado: “Teus peitos estão ficando menores.” Sim, não é? É top, protetor de peitos e roupa, é óbvio que vai diminuir. Isso é uma coisa que mudou, meus peitos ficaram menores e acho que nunca mais vai voltar. Mas eles nunca foram grandes... Porque peito é gordura, vai reduzindo o nível de gordura do teu corpo. Também namorados comentavam o tamanho da minha bunda, aumentar, diminuir, uma coisa assim.

I.B. – Isso te incomodava um pouco, o corpo que tu tinha que ter para lutar boxe?

M.T. – Olha, eu sempre falo que o boxe tirou minha bunda e minhas pernas, mas eu não dou tanta bola pra isso. E também não posso dizer que mudou meu corpo para melhor ou para pior, porque eu mantive meu corpo mais ou menos como ele é. Tipo, eu paro de treinar ou eu estou treinando assim, é visível... Por que eu sou muito negligente, apesar de eu ter lutado muito mais que muita gente, eu sou negligente. Eu chego em São Paulo e o pessoal: “Tu sabe que a Megg está treinando pelo braço.” Meu braço treinando ele fica riscado, não treinando ele fica normal.

¹⁸ José Lima

¹⁹ A entrevistada se refere a Vinício Guariglia.

[PAUSA NA GRAVAÇÃO]

I.B. – Queria que tu falasse um pouco mais sobre o corpo que a prática de boxe te direcionava?

M.T. – É o que eu te falei, eu não deixava o boxe dominar meu corpo. Tipo assim, a tendência é tu ficar forte, é tu criar aspecto, não sei te dizer se masculino, mas tu cria o braço, tu cria as costas. Dependendo do exercício que tu fizer de abdominal tua barriga tende a ficar mais quadrada e isso é uma coisa que eu sempre cuidei, estou ficando forte demais eu parava de fazer certos exercícios, certas coisas. Porque o boxe não precisa da musculação, então as pessoas tendem a fazer musculação para ficar fortes, acho que é aquela coisa: “Ah sou lutadora, vou ficar ‘fortona’”. Mas não precisa a musculação até atrapalha. Tu tem que ter um reforço muscular para não gerar tanta lesão, mas não pode ter... Eu não queria que meu corpo ficasse masculino e toda vez que ele começasse a ficar eu tirava, cuidava para isso não acontecer. Minha barriga continua bem, não ficou quadrada, como de algumas meninas fica. É mais ou menos isso.

I.B. – Tu chegou a ficar com algumas marcas, ou ferimentos e isso preocupou as pessoas a tua volta?

M.T. – Então, a minha segunda luta eu lutei com uma veterana, eu lutei com a Ângela, que era mais velha. Eu lembro que eu e o Zé a gente sempre comentava que ela tinha 37 [centímetros] de bíceps, tem noção o que é um braço com 37 [centímetros] de bíceps? [Risos]

I.B. – Muito grande.

M.T. – Eu lembro de todo mundo perguntando: “Tu não tem medo de lutar com ela?” E eu: “Fazer o quê? Tem que lutar, não é?” Aí no dia da luta eu tomei um pau. Tipo, a luta foi bem, é complexo dizer: eu abri muitas contagens nela, mas acho que quem apanhou mais fui eu. E tinha sangue no meu calção, machucou o meu nariz, mas tinha sangue no meu calção. Então meu nariz ficou tipo um “1”, um calombo assim, mas foi só no dia da

luta, no outro dia já não tinha nada. Eu sempre fui meio Wolverine, então não criei grandes lesões, mas machucou sim, machucou o nariz, mas eu aprendi a não deixar mais que acertasse meu nariz. Eu tenho um nariz, aquele tipo de nariz que sangra, mal pode encostar ele sangra então uma coisa eu adquiri foi não deixar, tanto que eu lutei muitos anos no brasileiro e nunca sangrou. E também fiquei com um olho roxo uma vez... Agora, não faz muito tempo, foi em 2013, meu primeiro olho roxo. Eu levei seis anos no boxe para ter um olho roxo. Tenho essa lesão na mão agora que está machucado, dificulta alguns movimentos, tipo eu não posso abrir garrafa com a mão. É interna a lesão, então eu não tenho força. Mas assim, eu não fiquei com nenhuma marca, eu não apanhei muito, graças a Deus.

I.B. – O olho roxo ou nariz machucado incomodou teus pais?

M.T. – Eu não moro mais na casa dos meus pais. Quando eu fiquei com olho roxo... Eu acho engraçado que o pessoal não tem isso, mas talvez seja meu. Eu fiquei trancada em casa uma semana até sair o olho roxo, porque eu não conseguia me olhar no espelho. Feriu não sei se meu ego, meu orgulho, que assim uma forma que... Eu ficava repetindo: “Eu fiquei seis anos sem tomar um olho roxo.” Quando eu tomei foi o olho roxo. Bonito! Até tem fotos depois eu posso procurar e te mandar, se tu quiser. Ficou assim... Eu não saí de casa, eu literalmente não saí de casa. Foi em São Paulo, em um campeonato, foi na semifinal, então eu ainda tive que ficar toda a final, eu ainda tive que subir no pódio. Aí eu voltei, quando eu cheguei em Porto Alegre, o que eu tinha que sair na rua eu saía de óculos, mas foi mais a questão de ego. E o olho roxo tem aquela coisa que fica manchado, se tu não cuidar para não pegar sol, fica literalmente manchado. Aí tu tem que ir em um dermatologista, tu passa uma pomada de clareamento, alguma coisa. O meu ficou bem pouquinho, a dermatologista disse que eu era escandalosa, ficou mal um sombreado, hoje não veria, podia dizer que é olheira, mas eu passei a pomada pra não ficar. Não sei, me feriu assim meu ego. Machuquei a boca uma vez também, acho que foi na luta que eu machuquei minha mão, machucou assim, cortou, ficou inchado. Mas eu nunca me machuquei muito, tem gente que se machuca bastante... O que acontece bastante é tu ficar com arranhões nos braços, pega um pouco do ombro e do cotovelo, por causa do velcro da luva, não é nem da luta assim. O velcro machuca, tu vê assim, fica marcado. Nesse último campeonato eu fiquei com um

arranhão nas costas, o pessoal ficava se arriando: “Tu tá com um arranhão nas costas.” “Foi a culpa da luva, eu não tenho nada a ver com isso.” Mas acho que não... Eu nunca tive lesão grave.

I.B. – Tu vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

M.T. – Não deve ter diferença, alguns professores agem com diferença, tratam com diferença, eles tentam aliviar para as meninas, mas não deve ter. Eu prefiro treinar com homens, sempre preferi. Quando eu comecei eu treinava com meninas, até porque o Zé trabalhava muito com meninas, aí tu faz uma coisa ou outra elas reclamam que doeu, que machucou... Mas não é pra ter. Na seleção é igual, eu fiquei um tempinho assim voando na seleção, e é a mesma coisa, o mesmo tipo de tratamento. É que o boxe é muito pessoal, praticamente tu treina sozinho, o teu treino é pra ti, ele é focado especificamente para ti, alguns treinam mais uma coisa outros mais outras. Até a maneira de aprender, tem pessoas que aprendem de uma forma, tem pessoas que aprendem de outra, o boxe é muito específico, cada um aprende sozinho. Mas não é pra ter diferença nenhuma em termos de masculino e feminino.

I.B. – E na forma de lutar, os homens lutam de uma forma e as mulheres lutam de outra? São estratégias diferentes ou não?

M.T. – Isso depende muito de lutador para lutador. O que tu vai ver, olhando qualquer um vê, que a mulher tem muito mais coragem. O feminino é um boxe muito mais duro, mais pegado, elas brigam, se batem, elas vão para cima. O homem normalmente quando ele toma uma pegada muito boa, eles tomam uma ou duas pegadas muito boas e eles não vão mais para frente ou eles pedem para parar a luta ou eles ficam fugindo a luta toda. A mulher não, elas tomam umas bombas assim que todo mundo olha e diz: “Nossa!” E elas continuam indo, elas continuam lutando. E é um comentário que os professores fazem, é como se mulher tivesse mais coragem. Do mesmo jeito que o masculino é mais rápido, eu acho que a fibra muscular masculina é mais rápida, porque sempre, o homem ele tende a ser sempre mais rápido, o por que eu não sei. No treino tu vê a diferença, eu sempre treino com homens até pra forçar mais isso. Os homens são muito mais velozes e a tendência é a mulher ter mais coragem sempre.

I.B. – Durante muitos anos o boxe era praticado exclusivamente por homens, como tu se sentiu como mulher ocupando esse espaço?

M.T. – Eu não tenho essa coisa política. É uma coisa assim da história, teve um momento que o homem dominou e não sei se foi a mulher que tirou ele do domínio, não sei como é que aconteceu isso. Eu acho que o homem nunca foi superior, nunca precisou ser só homens, mas a história é assim, eles dominaram as coisas de uma forma. Existem lugares que o boxe ainda é só masculino. E demora para... O Brasil tem uma seleção feminina de boxe muito forte, sempre teve, durante anos foi campeão de tudo. Por quê? O boxe masculino brasileiro começou cinquenta anos depois dos outros e o feminino não, começou dez, cinco anos depois. Então começou quase junto... A seleção feminina ela está no mesmo nível que a seleção dos Estados Unidos, de Canadá. Ela tem um nível muito mais próximo das seleções top do que o masculino. O boxe masculino brasileiro é ruim e o feminino é um dos melhores. É uma questão de tempo... Eu acho que todos os esportes começaram primeiro com o masculino. Não sei o que tu acha?

I.B. – Acho que sim.

M.T. – Eu não tenho aquela coisa um espaço de homem, eu nunca vi, não levo para este lado. Eu vou lá, faço o que eu sei fazer, me divirto, o que eu sempre foco é me divertir, é gostar de fazer o que eu estou fazendo. Eles vêm às vezes: “Ah, esporte masculino.” “Esporte de homem.” Ou aquelas brincadeiras do tipo: “Teu namorado apanha?” “Ah teu namorado anda na linha.” Eu não dou bola, eu faço o que eu sei fazer...

I.B. – Como tu interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe apenas recentemente, nas olimpíadas de 2012, sendo que em outras modalidades de lutas como o judô, elas vão iniciar lá na década de 1980.

M.T. – Pelo o que a gente sabe, até pelo que a AIBA²⁰, fala, eu conheço o pessoal... Tudo que sai na AIBA quem conhece o meio do boxe no Brasil, a gente fica sabendo

²⁰ Associação Internacional de Boxe Amador.

antes de sair no regulamento. Briguei várias vezes com a Federação, porque eu disse “É de tal jeito...” “Não, não sei o quê.” “Vai estar no regulamento que vai sair daqui a um mês.” Estavam discutindo uma coisa que eu já sabia, porque tem gente que trabalha no Brasil diretamente com a AIBA e os lutadores mais do meio acabam sabendo. Pra gente foi dito que em 2017 as mulheres não tem mais capacete, porque eles tiraram o capacete do masculino. Os técnicos estão tudo em uma briga, porque eles têm medo que sem capacete aumente o perigo. Diz que em 2017 o feminino já não vai ter mais capacete, se na próxima olimpíada não acontecer dos homens se machucarem muito. Basicamente isso, se sofrer lesões muito grandes, eles não vou tirar o capacete de mais ninguém, eles vão recolocar o capacete. Mas o que era a pergunta?

I.B. – Era sobre o boxe feminino ter começado depois de outras modalidades de lutas.

M.T. – O boxe ele só virou um esporte olímpico, se eu não me engano, quando foi nos Estados Unidos, nas olimpíadas dos Estados Unidos porque eles exigiram. Ou foi em algum país que tinha um poder muito grande que exigiu que o boxe se tornasse um esporte olímpico. Eles sempre tiveram um preconceito muito grande com o boxe, existe um preconceito com o boxe, existe na história um preconceito de que o boxe é uma coisa marginalizada, então eles não gostavam do boxe. Ele só entrou nas olimpíadas a partir de um país que era sede da e que exigiu a entrada e o feminino não foi diferente disso. Foi alguma coisa que era o pessoal da Inglaterra, que é onde surgiu o boxe, queria. Tanto que já fazia duas ou três olimpíadas que era pra entrar, eles diziam que ia entrar e não entrava, quando foi em um país onde se colocou: “Não agora vai ter.” Aí foi feito. Teve que fazer ajustes, eles diziam que não tinha vagas para o feminino, que tem um número “X” de atletas que pode ter, tanto que eles tiraram algumas categorias masculinas, para ingressar três categorias femininas. Das dez categorias são só três, basicamente a menina que luta ela tem que se dividir em 51 [quilos], porque tem meninas com 46 quilos e elas tem que lutar com um de 51 [quilos], 60 [quilos] ou 75 [quilos]. De 60 [quilos] para 75 [quilos] tem uma imensidão de pesos de categorias, se tu pesa 66 [quilos], tu já está no meio entre duas categorias, tu vai ter que escolher entre [categoria] 69 ou [categoria] 64. Ali tu tem que perder muito peso, uma pessoas que pesa 66 [quilos] normalmente não consegue dar 60 quilos, então ela vai ter que lutar na [categoria] 75. Já vai lutar com alguém que pesa 83 quilos, porque o pessoal perde

muito peso para lutar, então o pessoal tende a ser maior. Tipo eu sempre peso em torno de 62 ou 63 [quilos], eu era [da categoria] 57, eu perdia uma média de cinco quilos para lutar. E eu era uma boa 57, era sempre uma das melhores do país. Na [categoria] 60 já é fácil... Então eles vieram com essa história de que não tinha vaga para o feminino, que era muita gente. São mais dez atletas de cada país e aí eles reduziram algumas categorias. Eu acho que eles tiraram três categorias masculinas para colocar três femininas. Era uma promessa que para a próxima olimpíada fossem aumentar mais três categorias, mas acho que não vai aumentar, porque não saiu nada oficial até agora. Mas eu acho que é bem isso, uma questão do boxe como um todo, feminino sempre vem depois... Acho que foi isso.

I.B. – Tu conhece histórias de atletas mulheres que ingressaram no boxe antes de ti? Fora esses três nomes que tu falou antes, conhece... Existiam mulheres treinando?

M.T. – No Rio Grande do Sul a história que eu conheço é de uma menina que eu não conheci que eu acho que o nome dela era Mariana²¹ que foi a primeira gaúcha que foi para o brasileiro. E eu acho que eles me privaram muito do primeiro brasileiro, que era pra mim ter ido em 2007, exatamente por causa da história da Mariana. Que diz que a menina era muito boa, muita gente comparou ela comigo. Diz que ela era muito boa, mas era braba assim, meio assim, encarava. Tipo um estilo diferente, um estilo mais próprio, não aquela coisa... Boxe é muito de todo mundo é igual, tu olha assim, todo mundo é muito igual, tem um ou outro que são diferentes. Diz que ela era isso, ela era corajosa, ela caia pra dentro. E ela foi, diz que ela lutou com a Adriana²², o pessoal sempre conta que a primeira gauchinha foi nocauteada. Ela lutou com a Adriana que é a medalhista de bronze da olimpíada, que foi a grande nocauteadora brasileira da história do boxe e diz que ela foi pra lá e caiu com a Adriana e diz que foi nocauteada muito rápido assim, caiu pra dentro da Adriana. Mas eu não conheci ela, eu sei as histórias dela porque eu fui pra um campeonato com uma menina que era colega de treino dela. Eu lutei com a Camila²³ também que era colega de treino dela, então falavam... Me comparavam com ela. Em 2007 a minha história no boxe meio que mudou, não fui no

²¹ Mariana Madalosso.

²² Adriana Araújo.

²³ Nome sujeito a confirmação.

brasileiro, porque eles quiseram me mudar de categoria. O Cafuringa²⁴ olhou e disse assim: “Ela não cai.” Ele se referindo a mim, eu não tenho tendência a cair, eu tomo a pancada e eu não... Ele diz que eu sou nocauteada em pé, mas eu não caio. “A Adriana vai quebrar a mandíbula dela.” Porque eu ia cair pra dentro da Adriana afoita que nem a outra menina e a tendência era eu me machucar. Nunca lutei com a Adriana, é a coisa que eu mais quis foi luta com a Adriana, eu fui para o brasileiro, queria lutar com a Adriana... Mas eu virei [da categoria] 57 [quilos] por causa de uma aposta que fizeram, eu era [da categoria] 60 [quilos] aí apostaram e eu fui para a [categoria] 57 [quilos]. Que era na verdade porque eles não queriam que eu lutasse com a Adriana, então eles me tiraram da categoria pra eu não lutar com a Adriana e eu acabei nunca lutando com ela. Todas as outras gaúchas que vingaram, duraram no boxe já lutaram com a Adriana, inclusive a novata que foi esse ano na [da categoria] 64. E eu não lutei com a Adriana, vou encerrar minha carreira no boxe sem lutar com ela. Eu até virei amiga dela, morei com ela um mês, ela é super gente fina, mas eu não lutei com ela. Eu lutei com a Taynna, que eu ainda acho que é a melhor boxeadora brasileira...

I.B. – Comente a tua contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul?

M.T. – O que seria minha contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul?

I.B. – Tu acha que tu incentivou outras meninas a lutarem?

M.T. – Aumentou... Eu sofri do azar do clube da luluzinha, cada vez que eu ia treinar em uma academia, o lugar enxia de meninas. E eu nunca gostei de lutar com meninas, não gostava de treinar com mulher, acho chato, acho elas frescas, elas tem uma rivalidade desnecessária. Elas brigam entre si em vez de se ajudar. Tanto que teve a Sara, a Sara começou a treinar com Zé quando eu estava treinando com ele, em 2011 e ela dizia que ela queria ser eu. Daí eu olhei pra ela um dia e disse: “Não queira ser eu, porque eu não sou nada, queira ser melhor. Luta para ser uma coisa melhor do que eu”. E foi para o brasileiro, fez boas lutas, mas acabou que ela nunca conseguiu ter os mesmo resultados que eu. Eu ainda sou a atleta dos melhores resultados do estado, eu

²⁴ Paulo Petinga.

luto para que tenho pessoas que tenham resultados melhores, eu acho que o estado tem que crescer. Aumentou... Quando eu fui para o brasileiro era só eu e a Fernanda, teve anos que foi só a Fernanda, depois fui eu e a Fernanda. Depois começou, teve a Carine, teve a Márcia... Teve meninas que foram uma vez e não foram mais, teve meninas que foram e continuaram indo. Vem aumentando, de vagar, mas vem aumentando. Se eu contribui em alguma coisa... Trouxe a medalha todos os anos praticamente que eu fui, é o que eu pude fazer. Abri o nome do estado para o Brasil, porque eu acho que fui a primeira mulher... E mesmo assim, entre todos eu sou uma das primeiras atletas do Rio Grande do Sul que lutou em São Paulo. Antes de mim só teve o Achark²⁵ que nem brasileiro era, um lutador que do Cafuringa, que é naturalizado brasileiro. Eu sou a única gaúcha que não só lutou em campeonatos em São Paulo como eu levei muitas meninas daqui para lutar. Levei a Carina, levei a Sara, levei a Márcia... Levei o pessoal e disse: “Tem menina, o pessoal não tem dinheiro, não tem recurso.” Menina no estado para lutar tem. Acho que é isso, não sei se fiz alguma coisa de importante.

I.B. – Tem algo que eu não perguntei que tu gostaria de deixar registrado?

M.T. – Olha, eu não sei, acho que o pessoal tem que lutar pra construir um boxe melhor e mais forte no estado. Talento tem, o pouco que a gente foi... Eu fui e me dei bem, a Márcia também conseguiu bons resultados, a Sara conseguiu bons resultados. Acho que talento o estado tem... Tem como desenvolver, falta trabalho, falta ajuda, dedicação, custeio...

I.B. – Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁵ Nome sujeito a confirmação.